

## UM BREVE ESTUDO SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Jacson Silva (UNEB)

[jacsonsilva@outlook.com](mailto:jacsonsilva@outlook.com)

Anna Karyna Torres Côrtes (UNEB)

[karynasan@hotmail.com](mailto:karynasan@hotmail.com)

Os sinais, essa dança no espaço, são minha sensibilidade, minha poesia, meu íntimo, meu verdadeiro estilo. (LABORIT, 1994, p. 9)

### RESUMO

A língua brasileira de sinais percorreu caminhos difíceis até avistar o reconhecimento do seu *status* linguístico. Assim, o presente trabalho apresenta um estudo introdutório às construções de tópico nessa língua de sinais, abordando algumas das complexas relações sintáticas estabelecidas entre os seus constituintes. Com o objetivo de desconstruir alguns mitos sobre essa língua, que é muitas vezes vista como uma gesticulação, imitação da língua dominante no país (a portuguesa), apresenta-se alguns aspectos que dão à língua brasileira de sinais o *status* de língua natural, apresentando alguns rudimentos de sua sintaxe. Em seguida se tem uma concisa fundamentação teórica sobre as construções de tópico e quais elementos fazem com que esse tipo de construção seja considerada gramatical dentro da língua brasileira de sinais. As construções de tópico são sentenças que se organizam mais para o contexto discursivo em detrimento do sintático. No entanto, essas construções são definidas como sintático-discursivas (ARAÚJO, 2006, 2009; DIAS, 2015), pois os sintagmas são movidos para satisfazer necessidades discursivas, como afirma Edivalda Alves Araújo (2006). A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica com os trabalhos relevantes relacionados a essa temática envolvendo a língua brasileira de sinais.

### Palavras-chaves:

Sintaxe. Tópico. Libras. Língua brasileira de sinais Variação sintática.

### 1. Introdução

O trabalho tem como objetivo um breve estudo sobre as construções de tópico realizadas pelos usuários da língua brasileira de sinais (libras). O reconhecimento dessa língua de sinais como meio oficial de comunicação dos surdos foi consequência da luta dos “movimentos sociais alavancados pelos surdos [que] estabeleceram como uma das prioridades o reconhecimento da língua de sinais [...]” (QUADROS, 2017, p. 142). Consequentemente em 2002 a língua brasileira de sinais foi reconhecida oficialmente como meio de comunicação (ou seja, primeira língua) dos

surdos pela Lei 10.436/02 (BRASIL, 2002), sendo inserida como disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura pelo decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005).

Dentro dessa garantia dos direitos do povo surdo esse trabalho se propõe a um breve estudo no que concerne à sintaxe dessa língua de sinais. Partindo desse objetivo, apresenta-se na seção 1 o *status* de língua natural da língua brasileira de sinais e os aspectos que garantem esse *status*, principalmente alguns aspectos sintáticos. Na sequência há uma concisa – devido à extensão deste trabalho – fundamentação teórica no que corresponde às construções de tópico e, particularmente, na língua brasileira de sinais, apresentando os elementos que tornam possíveis esse tipo de construção em uma língua de sinais. E, por fim, fazem-se algumas considerações finais acerca das construções de tópico dentro da língua brasileira de sinais.

A pesquisa bibliográfica foi a metodologia utilizada nesse trabalho, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato com pesquisas, finalizadas ou em andamento, relevantes na área estudada.

## **2. Libras como língua e algumas noções de sua sintaxe**

Dentro da proposta deste trabalho é preciso inicialmente desconstruir o mito de que a língua brasileira de sinais não é uma língua *stricto sensu* (expressão latina que significa literalmente, em sentido próprio), mas seria uma gesticulação ou imitação da língua majoritária, dominante, do país: a língua portuguesa. Isso é consequência do desconhecimento da estrutura complexa dessa língua de sinais, como afirma Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp (2004) ao abordarem alguns dos mitos relacionados à língua brasileira de sinais. Nos últimos anos esse *status* linguístico da língua brasileira de sinais tem sido reafirmado por diversos pesquisadores, dentre os quais Lucinda Ferreira Brito (1995), Ronice Müller de Quadros (1997, 2004), Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp (2004). Essas produções, entre outras, são extremamente significativas para o estudo da sintaxe na língua brasileira de sinais e começam a retirar a sombra obscura que pairou sobre essa língua de sinais durante anos.

A primeira falsa concepção da língua brasileira de sinais refere-se ao seu caráter imitativo. Aceita-se língua brasileira de sinais como uma forma de linguagem, entendendo-se essa como toda forma de comunica-

ção, mas uma linguagem imitativa e inferior à língua portuguesa. Mas, como afirma René Forster (2017, p. 3), os sinais na língua brasileira de sinais

[...] não são como mímicas. Em primeiro lugar porque, mesmo os sinais icônicos [...] não são uma simples imitação, já que, ao contrário de uma mímica, não são reconhecidos por qualquer um, mas dependem de um dado conhecimento linguístico vigente dentro de uma comunidade. Em segundo, nem todos os sinais são imitativos.

Assim, entende-se que na língua brasileira de sinais há alguns elementos icônicos, imitativos, mas não se pode reduzi-la somente a essa imitação, que muitas vezes é consequência da falsa crença de que todo surdo é mudo e como ele não pode falar<sup>206</sup> imita a língua portuguesa através da gesticulação. Mas “na verdade, os sinais das línguas espaço-visuais, como a língua brasileira de sinais, são como as palavras de línguas orais-auditivas, como o português”. (FORSTER, 2017, p. 3)

E como afirmam Ronice Müller de Quadros (1997), Márcia Goldfeld (2002) e Danielle Sousa (2017) – entre outros –, a língua brasileira de sinais é uma língua natural<sup>207</sup> que nasceu da interação espontânea entre surdos e que, portanto, não pode ser reduzida à mera imitação ou repetição<sup>208</sup>. Porque essa língua de sinais é “autônoma, flexível, versátil, criativa, de dupla articulação, ou seja, constituída dos mesmos traços que compõem qualquer outra língua humana” (SANTOS, SANTOS & SANTOS, 2017, p. 491). Portanto, toda língua humana, seja por meio de sons, seja por meio de sinais, permite aos seus falantes comunicarem-se. Geralmente a concepção predominante é que a comunicação entre falantes acontece somente por meio de sons, no entanto “tais sons podem ser substituídos por sinais entre os surdos [...] sem que o poder mobilizador da linguagem seja significativamente alterado”. (KENEDY, 2013, p. 12)

---

<sup>206</sup> Entenda-se fala como “atividade linguística no discurso oral. É a fonação enriquecida de uma significação imanente.” (CÂMARA JÚNIOR, 1984, p. 115).

<sup>207</sup> Toma-se a concepção gerativista de que língua natural “é aquela que emergiu de maneira espontânea e não deliberada no curso da história humana” (KENEDY, 2013, p. 12).

<sup>208</sup> Segundo Emanuelle Félix dos Santos, Camila Fernandes dos Santos e Robervaldo Correia dos Santos (2017) a necessidade de um marco no surgimento da Língua de Sinais faz com que se atribua ao abade L' Epée sua criação, contudo alguns estudiosos afirmam que o próprio “pai” criador aprendeu observando surdos naturalmente se comunicarem. Apesar do abade ser francês, se faz essa consideração pelo fato da língua brasileira de sinais ter recebido grande influência da língua de sinais francesa (LSF) pelo fato do fundador do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), fundado em 1857, ter sido um francês.

E, assim como afirma Lucinda Ferreira Brito (1998 *apud* SOUSA, 2017, p. 2), as línguas de sinais são línguas naturais porque

[...] sugiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

É necessário somente que se entenda que o canal utilizado para a comunicação entre pessoas surdas é diferente do canal das pessoas ouvintes. Aquelas se utilizam de mecanismos espaciais, gestuais e visuais; enquanto estas utilizam-se de um canal predominantemente sonoro.

Como toda língua, a língua brasileira de sinais possui aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Os estudiosos dessa área, ao desenvolverem esses aspectos, preocupam-se em reafirmar o *status* linguístico da língua brasileira de sinais e demonstrar sua complexidade. O aspecto fonológico representa, para alguns teóricos, um problema, já que *phonos* significa som. Contudo, devido a extensão deste trabalho não se desenvolverá essa problematização, definindo o aspecto fonológico apenas como “o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios”. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 47)<sup>209</sup>

Para a abordagem desse trabalho o plano que interessa é o sintático, responsável pela organização dos elementos que compõem a língua brasileira de sinais com o objetivo de formar frases, ou, como define Ronice Müller de Quadros (2004, p. 20), a sintaxe preocupa-se em estudar “a estrutura interna das sentenças e a relação interna entre suas partes”. Na literatura corrente sobre esses aspectos na língua brasileira de sinais, comumente se tem definido a ordem sujeito-verbo-objeto (doravante SVO) como a ordem básica. Observe-se que se fala em “ordem básica” e não “canônica”, isso pelo fato de não haver necessidade de outros ele-

---

<sup>209</sup> Como dito não se desenvolverá esses aspectos, mas há autores, como Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp (2004) e Aline Fernanda Alves Dias (2009), que já desenvolvem estudos relacionados a esses aspectos. Entretanto, em alguns momentos haverá necessidade de apresentar, ainda que superficialmente, algumas explicações relacionadas a esses aspectos para se entender o sintático.

mentos que completem o significado dos sinais<sup>210</sup>, ou seja, essa ordem é reconhecida como ordem básica por dispensar “qualquer marcação especial e exemplos com essa ordem são [sempre] considerados gramaticais” (DIAS, 2015, p. 107); e todas as sentenças que invertam essa ordem, como OSV, SOV<sup>211</sup>, topicalização, foco, precisam de marcadores especiais para que sejam gramaticais, se não os tiverem são agramaticais. Com no exemplo a seguir:

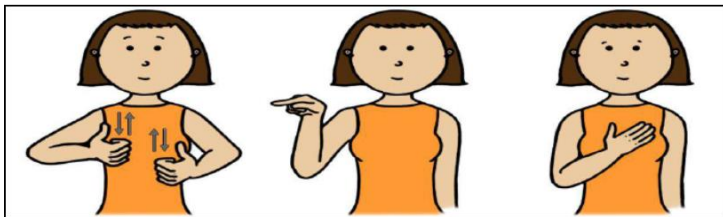


Fig. 1 – Sentença OSV na língua brasileira de sinais. Fonte: Dias (2015)<sup>212</sup>

Na língua brasileira de sinais a sentença acima, [FUTEBOL]<sub>Tópico</sub> ELA GOSTAR, seria agramatical se não houvesse o marcador não manual de elevar as sobrancelhas junto com o sinal que significa FUTEBOL. Com isso, de forma geral, a elevação das sobrancelhas é o marcador não manual que identifica as construções de tópico nessa língua de sinais.

<sup>210</sup> Relacione-se esse termo sempre aos três parâmetros principais da língua brasileira de sinais: configuração de mão, locação da mão e movimento da mão. Isso porque nessa língua de sinais há expressões não manuais como expressões faciais e corporais.

<sup>211</sup> Tem-se consciência de que a sintaxe em língua brasileira de sinais é extremamente complexa (como em todas as línguas) e não é objetivo desse trabalho esmiuçá-la, mas apenas apresentar alguns elementos que deem base para esse *breve estudo*. Por isso não se aprofundará a questão dessa inversão da ordem básica, uma vez que a inversão em língua brasileira de sinais não corresponde à topicalização. Ou seja, como afirma Quadros (2000, p. 1), as únicas inversões licenciadas nessa língua de sinais são OSV e SOV que “são ordens derivadas [da ordem básica] somente mediante alguma marca especial (presença de traços), tais como as marcações não manuais que coocorem com as palavras [...] as demais combinações – VSO, OVS e VOS – não são derivadas na língua brasileira de sinais, mesmo com a presença de alguma marca especial”; sendo, portanto, agramaticais. Já as construções de tópico, são, juntamente com as interrogativas e de foco, construções que indicam categorias funcionais.

<sup>212</sup> Como afirma Dias (2015) a língua brasileira de sinais também apresenta variações regionais. Esse sinal de futebol é comum para surdos da região de Niterói (RJ) onde a pesquisa foi realizada, nas outras regiões esse sinal poderá ser diferente.

As expressões não manuais<sup>213</sup> são responsáveis por tornar gramatical as inversões da ordem básica da língua brasileira de sinais. Essas expressões não manuais são gestos que independem, em sua maioria, do uso das mãos, e podem ser interpretados como a “prosódia nas línguas de sinais” (SANTOS, SANTOS & SANTOS, 2017, p. 497); as expressões não manuais são comumente movimentos do corpo, expressões faciais, direcionamento de olhares.

Segundo Tanya Amara Filipe (2017, p. 202), as expressões não manuais podem ser consideradas morfemas dentro da língua brasileira de sinais:

Estes cinco parâmetros [configuração de mão, ponto de articulação, movimento, expressão facial e corporal] podem expressar morfemas através de algumas configurações de mão, de alguns movimentos direcionados, de algumas alterações na frequência do movimento, de alguns pontos de articulação na estrutura morfológica e de alguma expressão facial ou movimento de cabeça concomitante ao sinal, que, através de alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das línguas de sinais.

Portanto, pode-se perceber que a língua brasileira de sinais possui todas as características para ser considerada uma língua natural, pois nasceu espontaneamente da interação entre duas pessoas surdas; e não é uma simples – que de simples não tem nada – gesticulação da língua portuguesa por incapacidade de falar das pessoas surdas (somente surdas, porque em sua maioria os surdos não são mudos, mas há diversos fatores que não lhe possibilitaram a oralização). E a única diferença entre língua brasileira de sinais e português são suas modalidades de representação, ou seja, em língua brasileira de sinais o sistema articulatório-perceptual<sup>214</sup> é representado, principalmente, pelo movimento das mãos, agregando-se a estes as expressões não manuais; enquanto em português esse sistema é representado pelos sons, podendo-se agregar outros elementos. O que concerne ao plano sintático, percebeu-se que ainda que a ordem básica em língua brasileira de sinais seja SVO há possibilidades de outras ordenações dos constituintes, entre as quais licencia as construções de tópico;

---

<sup>213</sup> As expressões não manuais podem ser afetivas ou gramaticais. São afetivas quando expressam algum tipo de emoção, como tristeza, nojo, alegria, e gramaticais quando são complementos dos níveis morfológico e sintático da língua brasileira de sinais. Contudo, nesse trabalho, ao fazer-se menção às expressões manuais refere-se as gramaticais.

<sup>214</sup> Esse sistema refere-se “ao conjunto das funções cognitivas responsáveis pelo controle da produção e da recepção das unidades linguísticas” (KENEDY, 2013, p. 120) e une-se ao sistema conceitual-intencional na representação da linguagem.

sendo estas consideradas gramaticais somente se sinalizadas juntamente com alguma expressão não manual.

### **3. As construções de tópico em língua brasileira de sinais**

Nessa subseção tem-se como objetivo discutir a questão do tópico dentro da língua brasileira de sinais tomando como base discussões que têm sido feitas dentro dessa mesma temática nas línguas orais, particularmente no português do Brasil, entendendo que os sinais são substituições do sons. (KENEDY, 2013)

Dentro dos estudos sintáticos geralmente considera-se uma única ordem como canônica, padrão, e preferencialmente na língua brasileira de sinais ordem básica. Entretanto, ainda que exista uma forma de organização mais comum dentro das línguas, há sempre outras formas de organização usadas pelos seus falantes/sinalizadores com o objetivo de tornar a língua mais expressiva.

#### **3.1. As construções de tópico nas línguas**

A classificação de línguas com proeminência de sujeito ou tópico é feita a partir da nova tipologia das línguas proposta por Charles Li e Sandra Thompson (1976 *apud* PONTES, 1987). Charles Li e Sandra Thompson classificam as línguas como de quatro tipos:

- a) Com proeminência de sujeito, com estruturas de predicação organizadas em sujeito-predicado;
- b) Com proeminência de tópico, com estruturas de predicação organizadas em tópico-comentário;
- c) Com proeminência de tópico e sujeito, prevalecendo os dois tipos como estruturas diferentes;
- d) Sem proeminência de tópico e sujeito, com estruturas que já se mesclaram e não é possível distinção de tipos.

Segundo Eunice Pontes (1987) o português do Brasil se classificaria como uma língua de terceiro tipo com proeminência para sujeito e tópico, como construções distintas. Percebe-se isso nos exemplos em (1) e

(2) a seguir, nos quais se tem construções organizadas a partir da predicação de tópico-comentário e sujeito-predicado, respectivamente.

- (1) **Café eu tomo de manhã cedo.**
- (2) **Eu só tomo café de manhã cedo.**

(PERINI, 2006)

As construções em (1) e (2), particularmente em (1), mostram que a ordem SVO não é a única forma de organização sintática dentro do português do Brasil. Essa concepção de que a ordem SVO consegue abarcar toda a estrutura da língua, seja ela o português do Brasil ou a língua brasileira de sinais, faz com que alguns problemas de análise apareçam ao se analisar determinadas construções, porque, como afirma Mário Alberto Perini (2006, p. 189), tem-se “a ideia de que essas funções definem as relações entre os constituintes, e que são mais ou menos suficiente para esgotar o assunto [...]”.

Para Eivalda Alves Araújo (2006) as construções de tópico são conseqüências das formas marcada e não marcada existentes na língua. Segundo a autora a ordem SVO se constitui de uma ordem não marcada que é manifestada pela ordenação dos constituintes na sentença, ou seja, “reflete o padrão usual da língua” (ARAÚJO, 2006, p. 18). Enquanto que a forma marcada é uma exploração das possíveis organizações sintáticas, não como algo negativo, mas como “posições sintáticas disponíveis em sua língua, numa ordem diferente de constituintes diferentes da canônica” (ARAÚJO, 2006, p. 18). Portanto, as construções de tópico enquadram-se dentro das formas marcadas da língua, pois se constituem de uma inversão criativa da ordem canônica estabelecida para os constituintes.

- (3) **João comprou o livro ontem.**
- (4) **João, vou visitá-lo amanhã.**

(ARAÚJO, 2006)

A partir dessa conceituação pode-se perceber que em (3) se tem uma forma não marcada, na qual os constituintes se organizam numa ordem canônica, padrão, de SVO. Assim os constituintes estabelecem uma única relação; *João* será sempre sujeito do verbo *comprar*, *o livro* objeto do verbo e *ontem* atribuindo ideia de tempo ao ato de comprar. No entanto, a relação estabelecida entre os constituintes na forma marcada como em (4) varia, já que se tem um elemento que inicia a sentença, mas que pode não estar sintaticamente ligado a ela, estando somente no plano do discurso; esse constituinte satisfaz necessidades discursivas da interação entre os interlocutores. Em (4) o sintagma nominal *João* está no plano



discursivo, mas é retomado sintaticamente pelo pronome na sua posição canônica.

Como dito, as construções de tópico são sentenças que se situam no plano sintático-discursivo. Isso porque as inversões sintáticas são realizadas para satisfazer necessidades discursivas (ARAÚJO, 2006). Do ponto de vista sintático o tópico é um constituinte deslocado da sua posição canônica para o início da sentença, podendo ou não ser retomado internamente nela. Já discursivamente o tópico é um sintagma direcionador do discurso, ou seja, é a informação compartilhada entre os interlocutores que servirá como um direcionamento do que será dito logo em seguida no comentário. Discursivamente o tópico refere-se à organização informacional da sentença, que se articula entre o dado e o velho.

### 3.2. As construções de tópico em língua brasileira de sinais

Como dito, as inversões da ordem básica na língua brasileira de sinais podem ser OSV ou SOV, além das construções de tópico e foco. Contudo, em alguns contextos, permite-se que seja omitido o sujeito e o objeto, pois são preenchidos espacialmente pelo movimento indicatário dos dedos mostrando esses elementos, partindo sempre do sujeito para o objeto. Como demonstram os exemplos a seguir:

a) Ordem SVO:



Fig. 2 - Ordem SVO. Fonte: Quadros (2004)

A frase acima pode ser traduzida para português como EU PERDER LIVRO, correspondendo a uma estrutura básica em língua brasilei-

ra de sinais.

b) Ordem (S)V(O):



**Fig. 3 - Ordem (S)V(O). Fonte: Quadros (2004)**

A ordem acima é gramatical pelo movimento das mãos que demonstra o ato de dar o objeto, já que a tradução corresponde ao verbo “dar”, com omissão do sujeito e do objeto.

c) Ordem SOV:



**Fig. 4 - Ordem SOB. Fonte: Quadros (2004)**

Traduzindo para o português tem-se EU LIVRO PERDER, correspondendo a ordem SOV<sup>215</sup>.

---

<sup>215</sup> Na literatura corrente sobre construções de tópico na língua brasileira de sinais não se encontrou nenhuma abordagem que definisse esse tipo de construção como tópico. Por isso, como este traba-

Já nas construções de tópico, como afirmam Ronice Müller de Quadros, Aline Lemos Pizzio e Patrícia Luiza Ferreira Rezende (2017, p. 11), “a elevação das sobrançelas é a marca associada ao tópico e por isso é representada pelas letras ‘top’”; como nos exemplos:

(5) <ANIMAIS><sub>top</sub> EU GOSTAR GATO

(6) <PARIS><sub>top</sub> EU VOU

(7) <MARIA><sub>top</sub> JOÃO GOSTA ELA

(8) <JOÃO><sub>top</sub> MÃE CUIDAR

(QUADROS, PIZZIO & REZENDE, 2017)

Segundo Eunice Pontes (1987), partindo da tipologia proposta por Charles Li e Sandra Thompson (1976), as línguas de segundo tipo, nas quais as estruturas organizam-se a partir da predicação de tópico-comentários, há geralmente um elemento que aparece deslocado à esquerda<sup>216</sup> como um direcionamento do que será dito em seguida, como nos exemplos (5) – (8). Observe-se que em <ANIMAIS> em (5) funciona como um direcionador discursivo, ou seja, o falante sabe que o que for dito depois estará relacionado sintático-discursivamente ao tópico; é um comentário.

O trabalho pioneiro no português do Brasil sobre as construções de tópico é da professora Eunice Pontes (1987). Para ela, esse tipo de construção é abundante no que corresponde à sua frequência e variedade e, segundo a autora, o português brasileiro é uma língua de terceiro tipo, com proeminência de tópico e de sujeito. No que corresponde à língua brasileira de sinais “essa busca pela classificação tipológica das línguas naturais, entretanto, não tem reverberado” (DIAS, 2015, p. 27); tendo-se, como consequência, poucos estudos nessa área.

Essa mudança de ordem corresponde à organização informacional da sentença, ou seja, o elemento inicial já faz parte do conhecimento entre os falantes/sinalizadores, servindo como direcionamento da informação nova que será dita. Por exemplo, se o exemplo (1) for contextualizado num encontro no zoológico, se compreenderá <ANIMAIS> como al-

---

lho é introdutório não se problematizou isso, mas observe-se que ao gesticular livre o sinalizante eleva a sobrançela, gesto marcador de tópico na língua brasileira de sinais.

<sup>216</sup> Na literatura sobre tópico costuma-se diferenciar deslocamento à esquerda de topicalização, mas devido à extensão desse trabalho optou-se por ignorar essa distinção.

go dado e o fato de GOSTAR GATO será uma informação nova. Portanto, “o tópico se refere à informação dada, de conhecimento pressuposto [...] [e o] comentário, no qual se encontra o foco, a informação nova [...]” (ARAÚJO, 2006, p. 19).

O marcador de tópico na língua escrita é, geralmente, uma vírgula, correspondente na fala a uma pausa sensível (PONTES, 1987; ARAÚJO, 2006, 2009), como pode-se perceber no exemplos que seguem:

(9) **Essa competência, ela é de natureza mental.**

(10) **Os nossos alunos, cumé que eles estão recebendo?**

(11) **Esse ano eu vou sair de baiana.**

(PONTES, 1987)

Na língua brasileira de sinais, além do alçamento da sobrançelha (expressão não manual) como marcação de tópico, tem-se, segundo Aline Fernanda Alves Dias (2015), outras expressões não manuais, que juntamente com a presença, em algumas construções, do auxiliar (doravante AUX) podem representar a marcação de tópico.

A autora, partindo do estudo de Souza (2014), levanta a hipótese de que a categoria dos auxiliares (AUX) pode ser, também, marcador de tópico, como em (12) e (13). Segundo Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp (2004, p. 163) “o auxiliar na língua de sinais brasileira é uma expressão pura de concordância estabelecida através do movimento de um ponto ao outro (estes movimentos compreendem o sujeito e o objeto da sentença)”.

(12) **JOÃO<sub>a</sub> MARIA<sub>b</sub> <sub>a</sub>AUX<sub>b</sub> AMAR.**

(13) **JOÃO<sub>a</sub> MARIA<sub>b</sub> <sub>a</sub>AUX<sub>b</sub> <sub>b</sub>CONVIDAR<sup>217</sup>.**

(SOUZA, 2014 *apud* DIAS, 2015).

Segundo Aline Fernanda Alves Dias, juntamente com a ocorrência desse AUX ocorreram expressões não manuais como o olhar para o objeto, alçamento das sobrançelhas e pausa entre a realização dos argumentos. É, “para Souza, o uso desse tipo de marcador [o AUX] pode estar relacionado à ênfase, já que poderia ou não ser empregado concomitantemente às arcas não manuais que marcam o tópico na língua brasilei-

---

<sup>217</sup> Segundo a autora traduza-se, respectivamente: “MARIA, JOÃO AMA”; “MARIA, JOÃO CONVIDOU”.

ra de sinais”. (DIAS, 2015, p. 113)

(14) [JOÃO<sub>b</sub> IX<sub>b</sub>]<sub>Tópico</sub> IX<sub>1</sub> ENSINAR<sub>b</sub> libras<sup>218</sup>.

(SOUZA, 2014 *apud* DIAS, 2015).

A apontação pós-manual pode também representar tópico. A construção em (14) só é gramatical porque após a sinalização de JOÃO o surdo sinalizador apontou para o mesmo que estava presente dentro do espaço comunicativo.

#### **4. Considerações finais**

Diante do exposto pode-se perceber que a língua brasileira de sinais é uma língua que possui toda a complexidade comum às línguas naturais, não sendo uma gesticulação da língua portuguesa, nem muito menos uma incapacidade dos surdos de oralizarem a língua portuguesa – como disseram Emanuelle Félix dos Santos, Camila Fernandes dos Santos e Robealdo Correia dos Santos (2017, p. 489): “o óbvio que ainda precisa ser dito” –. A língua brasileira de sinais não é nem maior, nem menos que a Língua Portuguesa, mas é uma língua que representa uma comunidade de surdos, sendo em sua modalidade expressiva diferente do português. Demonstrou-se isso ao explicitar alguns aspectos linguístico da língua brasileira de sinais, como as expressões não manuais que possuem, também, funções gramaticais.

No que tange a organização de seus constituintes a língua brasileira de sinais, como na maioria das línguas naturais, possui uma ordem que lhe é básica: SVO; e que não precisa de nenhum outro completo para ser gramatical, diferentes das ordens OSV, SOV, (S)V(O), topicalização, foco, que precisam de expressões não manuais para completarem sua significação, senão são consideradas agramaticais – como na Fig. 1.

Os auxiliares, juntamente com as expressões não manuais de elevação das sobrancelhas, direcionamento do olhar, apontação pós-manual do elemento e pausa entre a sua realização são indicadores de construções de tópico dentro da língua brasileira de sinais. Evidenciando, assim, o caráter sintático-discursivo do tópico abordado na literatura da área, particularmente por Eunice Pontes (1987), Edivalda Alves Araújo (2006, 2009) e Aline Fernanda Alves Dias (2015). E pode-se perceber que a lín-

---

<sup>218</sup> Traduz-se, segundo a autora: “Ao João, eu ensinei língua brasileira de sinais”.

gua brasileira de sinais possui tanto construções de sujeito-predicado, como tópico-comentário, ainda que estas precisem de expressões não manuais para que sejam gramaticais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Magno Pinheiro de; ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Tópicos linguísticos: sintaxe na libras. Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFE-FiL, ano 19, n. 55, p. 626-634, jan./abr. 2013 – Suplemento. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/55supl/051.pdf>>. Acesso em: 23-03-2017.

ARAÚJO, Edivalda Alves. *As construções de tópico do português dos séculos XVIII e XIX: uma análise sintático-discursiva*. 2006. Tese (de Doutorado). – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

\_\_\_\_\_. As construções de tópico. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – libras e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, n. 79, p. 23, 25 abr. Seção 1, 2002.

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 2005.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1984.

DIAS, Aline Fernanda Alves. *A construção de tópico na língua brasileira de sinais: uma abordagem psicolinguística*. 2015. Tese (de doutorado). Universidade Federal do Fluminense, Niterói.

FERREIRA BRITO, Lucinda. *Por uma gramática da língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FORSTER, René. *Desfazendo mitos e mentiras sobre línguas de sinais*.

Disponível em:

<[http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro02/LTAA02\\_a19.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro02/LTAA02_a19.pdf)>.

Acesso em: 28-03-2017.

FILIPE, Tanya Amara. *O processo de formação de palavras na libras*.

Disponível em:

<[http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10171/ssoar-std-2006-2-felipe-os\\_processos\\_de\\_formacao\\_de.pdf?sequence=1](http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10171/ssoar-std-2006-2-felipe-os_processos_de_formacao_de.pdf?sequence=1)>;

Acesso em: 23-03-2017.

GOLDFELD, Márcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

LABORIT, Emmanuelle. *O voo da gaivota*. São Paulo: Best Seller, 1994.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. A estrutura frasal da língua brasileira de sinais. *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2000.

\_\_\_\_\_. Gramática da língua de sinais brasileira: os diferentes tipos de verbos e suas repercussões na sintaxe. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, vol. 1, n. 16, p. 289-320, 2004.

\_\_\_\_\_; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_. *Políticas linguísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações*. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a03v2669.pdf>>. Acesso em: 28-03-2017.

\_\_\_\_\_; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. *Língua brasileira de sinais II*. Apostila do curso de licenciatura em letras/libras na modalidade a distância. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2007.

SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos. *Marcas da libras e indícios de uma interferência na escrita de surdo em língua portuguesa*. 2009. Dissertação (de mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Emanuelle Félix dos; SANTOS, Camila Fernandes dos; SANTOS, Robervaldo Correia dos. *Sintaxe da libras e a (re)afirmação linguística: o óbvio que ainda precisa ser dito*. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/viewFile/1341/1190>>. Acesso em: 23-03-2017.

SOUSA, Danielle. Um olhar sobre os aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais. Disponível em: <<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=9&idart=129>>. Acesso em: 06-03-2017.